Ser ou não ser, verbos de ligação - por uma abordagem sintático-discursiva

Patrícia Fernandes
Priscila Tiziana Seabra *
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

Este artigo versa sobre os problemas de abordagens de gramáticas tradicionais em torno da predicação/conceito de *verbos de ligação* (ênfase em *ser* e *estar*), levando-se em conta o emprego destes verbos em variados tipos de sentenças, quando estes adquirem diferentes cargas semânticas conforme os argumentos (complementos) que lhes são conferidos. O intento visado é provar, com isso, o fato de a realidade comunicada por enunciados com esses verbos residir *muito mais* nos argumentos predicativos desta categoria que nos próprios verbos, sem desmerecer, no entanto, o seu *status* verdadeiramente verbal.

Esta pesquisa conta com o suporte teórico autores como Bechara (2000), Neves (2000), Azeredo (2000) e Ranchhod (1990) para o fim de se observar inconsistências quanto ao trabalho do fato sintático em questão em gramáticas pedagógicas (GPs), apontando, aí, as peculiaridades dos verbos relacionais em comparação aos nocionais (nomenclatura adotada por Said Ali – apud Bechara, 2000). Isso será feito por meio do confronto de diagramas arbóreos e da observação dos fatores discursivos envolvidos na problemática. Alerta-se, muito embora, que não se deseja retirar desse paradigma o *status* de verbo, ao contrário do que parecem acreditar *Faraco & Moura (GP1)* e *Cereja & Magalhães (GP2)*, em seus trabalhos, *corpus* desta discussão.

Assim, não se quer excluir, aqui, o caráter verdadeiramente verbal desses itens, posto que, consoante Bechara (op. cit.), eles possuem todos os requisitos formais e funcionais necessários à categoria da qual fazem parte (flexionam-se em número, pessoa, tempo e modo, exprimem as noções de aspecto, voz, dentre outros). Importa, tão somente, ressalvar que os sentidos expressos por enunciados com *verbos de ligação* transbordam os limites semânticos destas palavras e passam a ser mais bem especificados pelos seus predicativos, ou, eventualmente, por termos satélites.

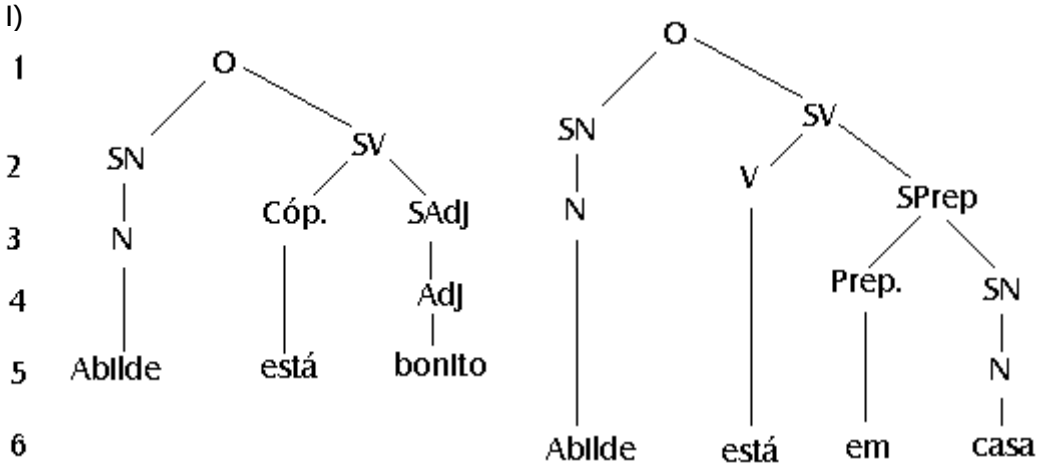
Abilde está bonito *Abilde está em casa*

Observando esses dois exemplos fica bastante claro que, entre si, as duas sentenças não mantêm relações sequer semelhantes de sentido. No primeiro exemplo, ressalta-se uma qualidade momentânea de um indivíduo, um estado transitório.

* Artigo elaborado sob a orientação da Professora Márcia Mendonça, ministrante da disciplina Língua Portuguesa 5 no Departamento de Letras da UFPE, no primeiro semestre de 2001.

No segundo, o intento visado é unicamente o de situar a circunstância locativa em que se encontra o ser de quem se fala. Essas diferenças semânticas decorrem da seleção/intenção do argumento (no primeiro excerto) e do termo satélite (no posterior). Estas disparidades também se fazem ver na demonstração dos diagramas estruturais (esquema I) de ambos os enunciados:

I)



Em ambos os casos, a natureza dos "actantes verbais" (Ranchhod, 1990) determina (condiciona) as acepções semânticas dos verbos. Isso vem a influenciar também na predicação destes: o primeiro verbo é *de ligação*; o segundo, *intransitivo*.

Com essas situações, evidencia-se uma pequena falha das abordagens tradicionais: é comum, em trabalhos desse cunho, considerar verbos como *estar* unicamente como *de ligação*, salvo casos em que são sucedidos por preposição, e, por isso (e só por isso), a predicação seria *intransitiva*. Mas é interessante, ainda para o esquema I, averiguar que, *de per si*, a forma verbal *está* do segundo excerto não se expressaria com a mesma carga semântica da qual se reveste não fosse a intervenção do Sintagma Preposicional *(SPrep) "em casa"* (mesmo numa situação interrogativa como *"– Abilde está? R - está."*, na qual o SPrep está subtendido).

E, em havendo a necessidade desse termo (da preposição) para a correta depreensão do sentido do verbo, seria mais adequado dizer que, mesmo no segundo exemplo, *estar* é *de ligação*, devido ao suposto "esvaziamento de seu signo léxico" (Bechara, op. cit.) - para usar o mesmo argumento utilizado pelos gramáticos tradicionais para o emprego desta terminologia.

Eis a posição de GP1:

> *O verbo transitivo e o verbo intransitivo são* significativos *ou* nocionais*, isto é, têm um significado próprio (...)*
>
> *O mesmo não ocorre com os* verbos de ligação *(VL). Eles não apresentam significação, servindo apenas para estabelecer ligação entre sujeito e um termo que expressa características desse mesmo sujeito.*

Ora, é sempre bom reafirmar que "toda relação predicativa se estabelece por meio de um verbo" (BECHARA, 2000: 429). Afinal, "predicar" é tecer um comentário a respeito de uma outra coisa e, para tanto, precisa-se lançar mão de um instrumento que ate a idéia percebida ao seu referente. Os verbos são, pois, o centro declarativo de uma sentença, em redor do qual orbitam os argumentos (sujeito e complementos).

A categoria verbal é também a responsável pelo condicionamento modo-temporal e número-pessoal de um enunciado (processo sobre o qual intervêm as desinências), de modo a situar o conteúdo dito em termos contextuais e pragmáticos (tempo e pessoa). Estes são fatores inerentes à categoria "verbo".

Os chamados *verbos de ligação* são, como outros constituintes da sua categoria geral, dotados de todas estas propriedades. Veiculam todos estes sentidos. É, portanto, equivocada a visão que enfoca estes verbos, em termos sintáticos, unicamente como um elo entre o sujeito e o seu referido predicativo, devido a um suposto "esvaziamento" de sua significação lexical. Daí a receberem também a denominação de *relacionais* ou *copulativos*.

Ocorre que, em contextos nos quais formas verbais se realizam como *de ligação*, de fato, a expressividade semântica do conteúdo comunicado transcende os limites de sentido desses verbos, e recai muito mais nos predicativos. Isso não implica, todavia, em afirmar a não-significação dos verbos relacionais, posto o fato de eles trazerem (carregarem) consigo as noções listadas acima, além do que, ainda segundo Bechara (2000: 428), "(...) o núcleo da oração é sempre o verbo, ainda que se trate de um verbo de significado léxico muito amplo e vago (...)".

Neste mesmo equívoco, incorrem os autores de GP2:

> Verbo de ligação *é aquele que serve de elemento de ligação entre o sujeito e seu atributo - o predicativo do sujeito.*

Ainda nesta gramática, a mesma terminologia "reveza" com a noção de *verbos de estado* sob o critério de estes relatarem características em torno dos seus respectivos sujeitos. Neste caso, Neves (2000) aponta para a comunicação de uma realidade não-dinâmica, o que não implica, todavia, na aferição errônea de serem esses verbos somente um elo entre sujeito e predicativo.

O ensino tradicional de Língua Portuguesa postula serem de ligação apenas os verbos integrantes da restrita lista: *ser, estar, parecer, permanecer, ficar, continuar,* etc, (como se faz em GP1 e GP2) por, em tese, somente ligarem o sujeito ao seu complemento predicativo. E, mais equivocadamente, afirma: só aos verbos daquela coleção corresponde a função relacional.

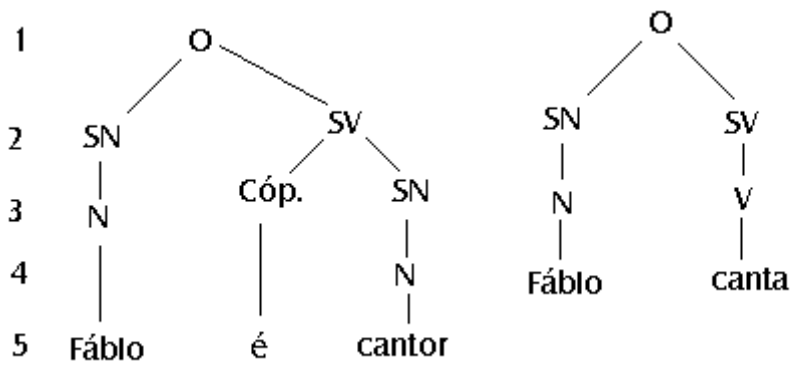
Interessa, em tempo, levantar certas questões por meio da análise do sentido de dois enunciados: *Cláudio nada*[1] e, por equivalência semântica, *Cláudio pratica natação*. Notável seria a insatisfação se se tomasse como critério de análise apenas o material formal do qual se compõem as construções. Dizer que um verbo se distingue do outro pela quantidade de argumentos expressos (pela sua valência - Borba, 1996) seria lacônico, dada a relação sinonímica mantida por essas duas orações. Tão logo, a

[1] Entenda-se: *Cláudio nada com freqüência.*

idéia de que um verbo seria sempre o representante de um predicado estaria dissolvida. E, para isso, ter-se-ia de admitir *fazer*, na segunda oração, como um *copulativo*, visto o deslocamento semântico do núcleo predicativo para *natação* (um nome). E, para isso, haveria uma explicação morfológica: *"-(a)ção"* é sufixo nominal que assinala nomes indicadores de processo, atitudes sob a forma substantiva.

Faz-se o tempo, agora, de demonstrar a natureza das especificidades dos verbos relacionais em contrapartida àqueles considerados nocionais. Compare-se o diagrama arbóreo de uma construção com verbo copulativo a outro servido de verbo intransitivo:

II)



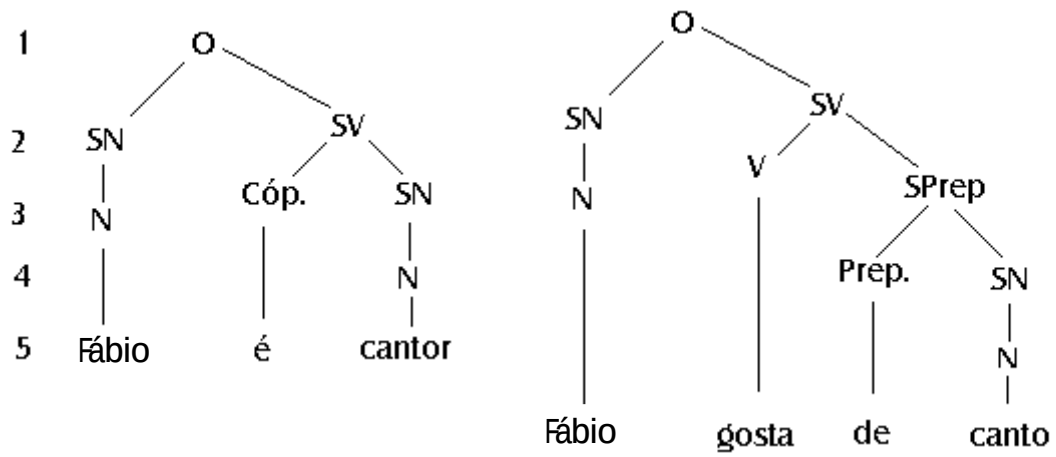
Através deste esquema pode-se perceber a diferença estrutural das construções. Esse método comparativo favorece a observação de que o "corpo" de um predicado nominal é mais complexo em relação ao do predicado verbal assinalado pelo verbo intransitivo. Nesse ínterim, teoricamente, se justificaria a diferenciação feita, nas GTs[2], entre um tipo de estrutura (tipos de predicado) e outra.

É fácil notar também que os conteúdos semânticos expressos em ambas as sentenças afastam-se quanto à sua noção. Em primeiro lugar, dá-se relevo a um atributo inerente ao sujeito, *Fábio*, e, então, na hipótese de uma referenciação anafórica da sua qualidade expressa, seria plausível dizer "Fábio *o* é". Essa possibilidade de substituição por pronome já não é aplicável para a segunda estrutura, pelo fato de não trazer consigo um predicativo, uma qualidade, um atributo que se refira ao ser de quem se declara *saber* cantar. E aí se menciona apenas uma virtude da qual é dotado o sujeito do verbo *cantar*, nesta última acepção.

Não obstante essa aparente coerência das abordagens tradicionais, é pertinente mais estes casos:

[2] Os gramáticos postulam a diferenciação terminológica entre predicado verbal e nominal dadas as nuances de complexidades dessas estruturas. Para eles, o predicado nominal possui uma estrutura mais complexa que o outro tipo de predicado (o verbal) e, teoricamente, receberia essa denominação por seu cerne concentrar-se em dois nomes (sujeito e predicativo – lembre-se que, para os gramáticos tradicionais, os verbos, nessas situações, funcionam somente como um elo entre esses dois referidos termos).

III)

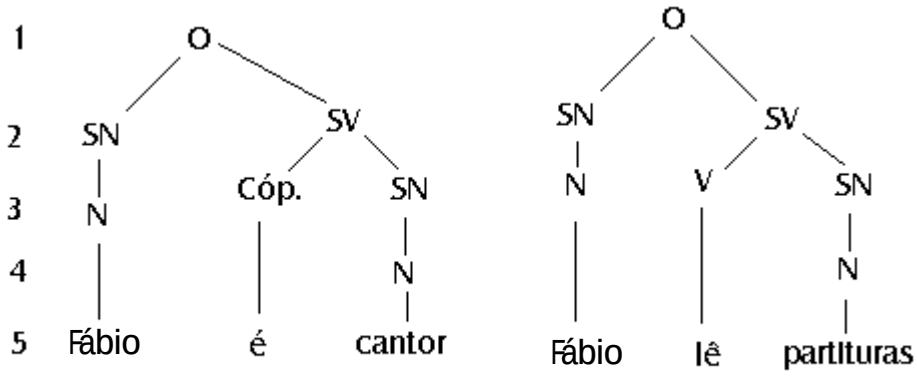


Agora a situação se inverte: a estrutura mais complexa pertence ao domínio do predicado verbal constituído de verbo transitivo indireto. Nesse caso, a complexidade não se deve apenas ao número de níveis sintáticos observados, mas à natureza valencial deste verbo. Essa peculiaridade terminou por propiciar, na segunda sentença, um nível hierárquico a mais na estrutura arbórea da segunda oração.

O termo valencial subseqüente ao verbo desta segunda oração funciona como termo argumental atuante quanto ao sentido *do verbo*, não tendo sintaticamente nada a ver, desse modo, com o ser com o qual se faz a concordância verbal. Desse modo, cairia por terra a necessidade de se fazer distinção entre predicado verbal e nominal, levando-se em conta unicamente questões estruturais.

Para completar essa análise, "se ligue" na situação seguinte:

IV)



Ambos os verbos são bivalenciais, possuem o mesmo número de actantes sintáticos. Os dois, sintaticamente, são núcleo dos respectivos predicados dos quais fazem parte. A diferença parece se fazer notar, somente, consoante o aspecto semântico de uso da categoria. Como já foi defendido nesta exposição, a realidade comunicada em enunciados com esse tipo de verbo reside *muito mais* nos argumentos predicativos desta categoria que nos próprios verbos.

No primeiro caso, a flexão *é* constitui o centro sintático da argumentação, os actantes, *Fábio* e *cantor*, correspondem aos argumentos semânticos do que se predica, ou seja, de tudo o que está sendo dito. Isso tudo porque, segundo Ranchhod (1990: 53), o verbo, aí, abarca, semanticamente, o "núcleo morfêmico oracional, não representa qualquer predicado (antes serve para 'conjugar' um nome) e não tem, pois, uma distribuição da característica"[3].

E, desse modo, não se estaria negando, em termos sintáticos, a idéia de ser o verbo uma função da qual dependem os demais termos oracionais (suas variáveis). Estaria, apenas, o argumento predicativo sendo tomado como um termo complementar determinador do emprego e da acepção semântica do "seu" verbo.

Nesse caso, distinguem-se as presenças de dois elementos de ordens distintas - um de ordem semântica, ou melhor, *lexical* (representado pelo predicativo do sujeito), e outro de cunho formal ou *gramatical* (representado pelo verbo) são trabalhados por Azeredo (2000: 24). Segundo ele, é o verbo "o único constituinte indispensável à existência de uma oração e o predicado, em cuja estrutura se combinam um *componente lexical* e um *componente gramatical*, que, podendo reunir as categorias de *tempo*, *modo*, *aspecto*, *número* e *pessoa*, realiza a função predicativa."

Azeredo prega, ainda, serem *verbos predicadores* aqueles que reúnem os dois elementos (equivalendo aos chamados *verbos nocionais*). Quando, contudo, o verbo não é dotado de uma carga semântica *lexical*, este vem representado por um nome, chamado pela GT de *predicativo do sujeito*. É nesse fato que reside a diferença entre estruturas oracionais providas de verbos copulativos (*Fábio* é *cantor*) e verbos nocionais (*Fábio* lê *partituras*).

Os exercícios (tomados como um todo) nos quais em GP1 e GP2 é trabalhada a teoria desenvolvida, em nenhum momento são requeridas reflexões acerca das necessidades semânticas[4] e contextuais de interpretação dos conteúdos "demonstrados" por tais verbos. Apenas é dado o comando para a adequada identificação terminológica dos verbos contidos em segmentos frasais. Eis o que se faz em GP1:

1. Classifique os verbos abaixo quanto à predicação:

a. Número de livros sobre História do Brasil *quintuplicou*. (*Veja*) *intransitivo*
b. As peruas *invadiram* a cidade. (*Veja*) *transitivo direto*
c. País *precisará* de 22 bi para a dívida externa. (*O Globo*) *transitivo indireto*
d. Crimes de policiais *ficam* impunes. (*Folha da Tarde*) *verbo de ligação*

[3] Nesse trecho, Ranchhod (1990) refere-se à natureza semântica dos verbos-suporte. A analogia de circunstâncias decorreu do fato de, em enunciados como no nosso exemplo IV, os verbos de ligação atuarem à semelhança destes.

[4] Em GP2, é feita a seguinte distinção entre as predicações verbais: *"Verbos de Ligação e Verbos Significativos"*

e. Não *pediram* licença a ninguém. *transitivo direto e indireto*
f. O consumo de leite *aumentou* nos últimos anos. (*Folha de S.Paulo*) *intransitivo*

Dessa maneira, priva-se o alunado não só da observação dos aspectos semânticos envolvidos, como também do vislumbre da diversidade das realizações daqueles fenômenos sintáticos.

A mesma gramática, em pequena alusão às nuances de sentido, propõe uma única questão. Esta atende somente à possibilidade de diferentes acepções decorrentes do emprego de certos verbos transitivos e intransitivos:

3. Escreva uma frase com cada verbo obedecendo à predicação solicitada:
a. *dizer* – transitivo direto *Diga apenas a verdade.*
b. *dizer* – transitivo direto e indireto *Diga a verdade aos seus professores.*
c. *beber* – intransitivo *Bebe demais.*
d. *beber* – transitivo direto *Bebe cachaça todos os dias.*
e. *ler* – intransitivo *Quem não lê, não progride.*
f. *ler* – transitivo direto *Sempre leio Guimarães Rosa.*

De forma semelhante a isso, apresentam-se, em GP2, os exercícios 5º e 6º, embora já se trabalhe com verbos de ligação. Os enunciados pecam, no entanto, por serem de cunho meramente terminológico. Ei-los:

> Corriam no arraial rumores macabros. No dia seguinte ao enterramento o coveiro topou com a sepultura remexida, como se fora violada durante a noite; e viu na terra fresca pegadas misteriosas de uma coisa que não seria um bicho nem gente deste mundo. Já duma feita sucedera caso idêntico por ocasião da morte de Sinhazinha Esteves; mas todos duvidavam da integridade dos miolos do coveiro sarapantado.
>
> (Monteiro Lobato)

5. Classifique quanto à predicação os seguintes verbos do texto: corriam, topou, viu, seria, sucedera, duvidavam. VI - VTI - VTD - VL - VI - VTI

6. Classifique quanto à predicação os verbos destacados nestes pares de orações:
a) *Ando* preocupado demais. VL
Andei dois quilômetros sob um sol arrasador. VTD
b) Ele *vive* distraído. VL
Viveu uma vida pacata num sitiozinho em Minas. VTD
c) Deus *é* onipotente. VL
Deus *é*. VL
d) Ela *sonha* com viagens, cruzeiros e visitas a lugares exóticos. VTI

Ela *sonha* sonhos cor-de-rosa. VTD

Estas últimas propostas ainda preocupam por mais dois aspectos. Em primeiro lugar, pelo fato de essas atividades em nada estarem relacionadas com um contexto real de produção lingüística, não estão, enfim, diretamente ligadas a uma prática de produção textual. Em segundo (e tão grave quanto aquele primeiro ponto), na quinta questão, o texto está sendo usado como pretexto. O trabalho de desenvolvimento da competência lingüística ficou, logo, reduzido ao cunho puramente nomenclaturista. Isso continua a acontecer, nesse mesmo compêndio, mais adiante, na seção de exercícios intitulada *Semântica e Interação*, como se pode ver:

Poema pontual

O ponto do ônibus
sempre lotado;
o ponto da agulha
sempre enrolado;
o ponto do serviço
sempre atrasado;
o ponto de história
nunca lembrado;
o ponto de ebulição
sempre suado;

o ponto turístico
sempre procurado;
o ponto comum
nunca encontrado;
o ponto final
sempre adiado;
o ponto de apoio
sempre quebrado.

(in: Alda Geraldo. *Trabalhando com poesia*. São Paulo: Ática, 1990. v. 2, p. 28)

3. Nos pares de versos, o verbo do predicado está implícito.

a) Que verbos poderiam completar o sentido do predicado? *ser, estar, continuar, permanecer*
b) Como se classificam esses verbos? *Verbos de ligação*
c) Da forma como estão no poema, os predicados apresentam a mesma estrutura: verbo implícito + advérbio + adjetivo.

· Qual seria o papel do verbo implícito? *Ligar o sujeito a seu atributo*

Considerações finais

Não mais se justifica a idéia de que os chamados “verbos de ligação” aparecem em situações discursivas apenas para unir, ligar o sujeito ao seu referido predicativo. Como já foi mostrado, esse paradigma comporta todas as noções pertinentes à categoria verbal.

Também não se crê ser adequado continuar com o emprego dessa terminologia com a desculpa de que o conteúdo semântico de sentenças organizadas com esses verbos ser bem mais explicitado pelo sujeito e pelo predicativo (dois nomes),

embora não se tenha descartado, aqui, a legitimidade desse fenômeno. Não se pode, entretanto, usar esse fato como pretexto para um ensino prescritivista, calcado em ênfases terminológicas, como se pôde verificar nas gramáticas analisadas. Antes, parece mais pertinente considerar as situações discursivas envolvidas nos atos interacionais que comportam esses verbos e trabalhar com as noções semânticas e variedades estruturais (sintáticas) que se podem observar quando do emprego dessa categoria.

Via de sistematização de conteúdo (nunca numa opção por ensino terminológico), parece ser mais pertinente a descrição de "relacionais" para os tais verbos, em vista de tudo o que foi demonstrado neste trabalho. Entretanto, antes mesmo de se optar pela adoção de uma nova (ou mais coerente) terminologia, é, pois, mais do que válida a opção pelo estudo dos aspectos sintático-discursivos desses verbos para a construção dos sentidos dos textos, em detrimento da "decoreba" da famosa lista *ser, estar, parecer permanecer* e companhia, que não deixa calar, nos estudantes, a dúvida, quando da análise de períodos: afinal, ser ou não ser verbos de ligação?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, J.C. (2000). *Iniciação à Sintaxe do Português*. 6. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

BECHARA, E. (2000). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro, Lucerna.

BORBA, F.S. (1996). *Uma Gramática de Valências para o Português*. São Paulo, Ática.

CEREJA & COCHAR (1999). *Gramática Reflexiva do Português* - texto, semântica e interação. São Paulo, Atual.

FARACO & MOURA (1999). *Gramática*. São Paulo, Ática.

KOCH, I.V., SOUZA e SILVA, M.C. (1997). *Lingüística Aplicada ao Português: Sintaxe*. São Paulo, Cortez.

NEVES, M.H.M. (2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo, UNESP.

RANCHHOD, E.M. (1990). *Sintaxe dos Predicados Nominais com Estar*. Lisboa, INIC.